CORINGA, Emanuel (Emanuel Alves Leite). **Lugar de circo é na escola: O estudo da palhaçaria em experiência artística pedagógica.** Natal/RN: UFRN. Escola Estadual Santos Dumont; Professor. UFRN; Mestrado; Marcilio de Souza Vieira. CAPES. Palhaço, professor, pesquisador.

RESUMO: A seguinte trabalho diz respeito à pesquisa denominada *"Lugar de Circo é na Escola: O Estudo da Palhaçaria em Experiência Artística Pedagógica"* Tem como objeto de pesquisa o estudo do circo e da palhaçaria na Educação Básica de ensino, a partir da análise do relato de experiência do projeto artístico/pedagógico "Lugar de Circo é na Escola". Buscando ampliar a discussão do conteúdo "circo e palhaço" em sala de aula, enquanto palhaço/professor/pesquisador passei a refletir sobre como construir um percurso Artístico/pedagógico sistematizado para os estudos do circo e do palhaço em turmas do ensino fundamental nas séries finais da Escola Maria de Lourdes Bezerra no município de Macau/RN culminando no desenvolvimento do projeto "Lugar de Circo é na Escola", que se tornou objeto de análise e reflexão dessa pesquisa após seu término em 2013. A pesquisa ancora sua escrita na análise qualitativa, tendo como método a análise de Conteúdo proposta por Bardin (1977). Buscando compreender como se deu o desenvolvimento, o envolvimento dos participantes e os desdobramentos do projeto artístico/pedagógico já citado, bem como descrever e analisar o percurso pedagógico e metodológico proposto pelo docente para um estudo teórico/prático do circo e da palhaçaria. As reflexões em torno da pesquisa se constroem e ampliam-se a partir da relação estabelecida entre o desenvolvimento do projeto "Lugar de Circo é na Escola" na construção da identidade dos palhaços (alunos) durante o projeto intercruzado aos estudos da história do circo e da palhaçaria no Brasil e no mundo, além de apontar desdobramentos dessa ação no ambiente escolar e fora dele.

PALAVRAS-CHAVE: Escola, Circo, Palhaço, Projeto artístico/pedagógico.

"Lugar de Circo é na Escola: O Estudo da Palhaçaria em Experiência Artística Pedagógica"

Estudar/viver palhaço foi uma missão assumida por mim ainda com cerca de 14 anos de idade. Ao retornar ao sistema escolar como docente, observei que eram poucas as experiências pedagógicas relativas aos estudos das artes do circo e principalmente da palhaçaria no ensino fundamental, mesmo se tratando de uma arte que ultrapassa séculos. A qual encontramos registros documentados de sua existência desde a Grécia Antiga até os dias atuais nos mais distintos locais do mundo, com formas e características diversificadas e particulares em cada um deles, porém uma arte viva no imaginário de pessoas de todas as idades e classes sociais; uma arte popular, acessível em sua relação com o povo, porém marginal no acesso a seus conhecimentos específicos, nos

materiais didáticos e propostas pedagógicas envolvendo essa manifestação no componente curricular Artes da Educação Básica.

È necessário salientar que os estudo de palhaço e circo em sua grande maioria está relacionada a forma tradicional de construção de conhecimento nessa área, ligados aos ensinamentos estabelecidos entre gerações de famílias circenses espalhadas pelo mundo a fora, fato que durante muito tempo restringiu os conhecimentos do estudo da palhaçaria a poucos que eram iniciados no picadeiro para dar continuidade as próximas gerações circenses, mantendo viva a "linhagem" de artistas de circo através de suas tradições famílias .

A partir dos apontamentos dos parágrafos anterior, vi que o circo e o palhaço eram conteúdos capazes de serem trabalhados no espaço escolar, embora tais conhecimentos, assim como os da Arte de maneira geral, ainda são pouco compreendidos por gestores, pedagogos, alunos e pais no âmbito da escola. Nesse sentido, os materiais didáticos utilizados no Ensino de Artes carregam em seu conteúdo poucas informações sobre o circo e a palhaçaria.

Entre as poucas referências encontradas sobre a temática circo e palhaço nos livros didáticos, podemos citar alguns exemplares, como: livro de Arte, volume 7: ensino fundamental, livro 2/ de autoria de Cláudia carvalho Torres, Marília da Silva Fernandes, Dulce Couto (2012) da coleção Pitágoras da editora Educacional. A edição de Pougy, Eliana denominada, Todas as Artes – 1. Ed- São Paulo: Ática, 2011. Obra em 4 v. para alunos do 6* a 9* ano. A obra Por toda parte, 6* ano/ Solange dos Santos Utuari Ferrari ... [et al.]. – 1. Ed. – São Paulo: FTD, 2015.

Enquanto docente compreendi que era possível construir um percurso pedagógico para os estudos do palhaço e do circo no que concerne aos conhecimentos específicos da linguagem do circo. Onde ao me referir aos conhecimentos específicos dessa arte me remeto as relações com a poética do circo, as técnicas utilizadas para o desenvolvimento das ações cênicas durante um espetáculo circense, e da própria história do circo como elemento também primordial para a compreensão desse universo e suas relações, familiares, nômades etc).

Objetivando ampliar a discussão do conteúdo "circo em sala de aula", passei a refletir sobre como construir um percurso Artístico/pedagógico

sistematizado para os estudos do circo e do palhaço em turmas do ensino fundamental, nas séries finais da Escola Maria de Lourdes Bezerra, onde lecionava, no município de Macau que culminou com o projeto “Lugar de Circo é na Escola”. Após sua “conclusão” ainda em 2013, o projeto se torna objeto de análise desse trabalho.

A pesquisa investiga como se deu o desenvolvimento, o envolvimento dos participantes e os desdobramentos do projeto artístico/pedagógico “Lugar de Circo é na Escola”, bem como descrever e analisar o percurso pedagógico proposto como docente para um estudo teórico/prático do circo e da palhaçaria no ensino fundamental séries finais na citada escola.

Ancoro a pesquisa na reflexão de forma qualitativa descritiva que de acordo com Marosi (2003) busca compreender fatos, percursos e procedimentos utilizados em determinada ação de forma não quantitativa ou numérica. Para esse autor o foco se encontra na interpretação e reflexão sobre determinados fenômenos ocorridos, em que o pesquisador além de descrever os fatos o analisa encontrando e construindo significados que nascem das análises dos dados encontrados no campo da pesquisa.

Como método de pesquisa é utilizado a Análise de Conteúdo proposta por Bardin (1977, p.32) que a entende como uma metodologia aplicável aos mais diversos campos das comunicações, “[...] onde qualquer transporte de significações de um emissor para um receptor controlado ou não por este, deveria poder ser escrito, decifrado pelas técnicas de análise de conteúdos”. Onde a partir de tal método de pesquisa foi possível adentrar nas diversas fontes de pesquisas primarias e secundarias para o desenvolvimento da descrição, analise e reflexões em torno da pesquisa.

Uma palhaçada na escola

O circo, como conhecemos hoje, assim como a figura do palhaço, foram construídas, reconstruídas e resignificadas a partir de sua relação com o tempo e o espaço onde existiram. É comum apontar a invenção do circo, como conhecemos hoje, na direção dos caminhos da Grécia e de Roma, podemos dizer que essas duas civilizações foram de grande importância como influenciadoras da construção das bases do circo, desde os mais simples

armados em pequenas comunidades e recantos “escondidos” de nosso país, a exemplo dos circos tradicionais; as grandes empresas circenses e suas gigantescas estruturas e aparatos tecnológicos que ajudam a abrilhantar, e transformar as artes circenses, a exemplo de circos contemporâneos[1] como o *Cirque du Soleil*.

Além das duas civilizações gregos e romanos, anteriormente citadas, através de um passeio rápido pela história do circo, pois essa não é uma função primordial dessa pesquisa, embora seja necessária, vamos encontrar rastros dessa história, como nos aponta Burnier (2001) em civilizações como a chinesa, onde números de acrobacia e equilíbrio já se faziam presentes por volta de 200 anos a.C.; bem como no Egito, em que anões e corcundas, além de pessoas detentoras de outras “deformidades” já circulavam em meio à nobreza, transgredindo a ordem social estabelecida, através de figuras que podiam representar as primeiras referências do palhaço e dos bufões da Idade Média. Sobre esses seres com deformidades ou nanismo Castro (2005, p. 20) vai dizer que “[...] A deformidade lhes colocava em posição de inferioridade, o que facilitava a aceitação de seu comportamento ousado. Afinal, o que vem de um ser tão “desprezível” não deve ser levado a sério, é “só” uma piada [...]”.

Para reafirmar o que foi exposto no parágrafo anterior em especial para as civilizações grega e romana, Bolognesi (2003, p. 23) ratifica nossa escrita a cerca dessa história quando diz que:

> Deve-se reconhecer que um determinado objeto se configura em um tempo e em um espaço, sobre este critério, ainda que demasiado genéricos, pode-se problematizar a ideia de continuidade do circo moderno com os espetáculos gregos e romanos. [...]. No entanto, não inviabiliza o reconhecimento do circo como organização espetacular que *reapresenta* algumas das proezas que exibiam na Antiguidade.

Grécia e Roma tem sua primazia como “fundadores” da construção da ideia de circo que conhecemos hoje, talvez pelo maior número de registros documentais, além de existir nessas duas civilizações uma prática acentuada da utilização e exibição do corpo do ser humano em seus limites extremos, a partir

[1] Assumo no texto dissertativo os termos tradicionais para os circos de pequeno porte muito presente nas cidades e bairros de nosso Brasil, em especial em nossa região Nordeste. E contemporâneo para as grandes impressas circenses onde o glamour da utilização de aparatos tecnológicos andam e até sobrepõem as ações circenses tradicionais, tendo como exemplo o Cirque du Soleil.

dos Jogos Olímpicos gregos e romanos e dos espetáculos de exibição de feras, lutas e adversários vencidos em batalhas de guerra; conforme cita Bolognesi (2003, p. 24).

> Poder-se-ia argumentar que as raízes do circo estariam postas no hipódromo e nas olimpíadas da Grécia antiga. No primeiro, porque os conquistadores gregos expunham os resultados de uma façanha bélica, exibindo os adversários escravizados. Além dessa exibição, os chefes dos exércitos traziam animais exóticos, muitos até então desconhecidos, como prova de bravura e testemunho das distâncias percorridas e de terras conquistadas. As olimpíadas, por sua vez, sob o signo do esporte, expunham os atletas em disputas acrobáticas, no solo, em corridas e saltos, ou em aparelhos que permitiam a evolução do corpo no ar, em barras e argolas.

Podemos observar, uma característica marcante nas exibições esportivas e bélicas e o circo, quer nos ditos circos populares, quer nos modernos/contemporâneos: formas espetaculares que colocam o corpo do ser humano em seus limites, desde os simbólicos, aos extremos, colocando em cheque a própria vida desses performers.

Com o passar do tempo, para a constituição da identidade do circo contemporâneo, essas ações espetaculares desenvolvidas a partir do limite do corpo humano em situações extremas, entre guerras e jogos esportivos tomam outra qualidade, como elucida Bolognesi (2003), foram sendo trocadas por performances corporais que não mais buscavam um vencedor e/ou derrotado, assim como nos jogos gregos e romanos, foram transformadas em ações artística e estética mais próxima do público, começando a ter uma relação mais alinhada com o picadeiro como conhecemos hoje. A esse respeito, o autor citado informa:

> No circo moderno não há o envolvimento do público em torno de uma disputa, que termina por selar a glória do vencedor e a desgraça do derrotado, às vezes terminando com seu sacrifício e com a morte. No entanto, a morte coloca-se como possibilidade de efeito no espetáculo circenses, uma vez que pode ocorrer o fracasso do artista-acrobata diante do risco a correr e do limite a ser superado. (BOLOGNESI, 2003, p. 31).

Com o passar do tempo, para a constituição dessa identidade dos circos populares e contemporâneos, as ações espetaculares circenses desenvolvidas a partir do limite do corpo humano em situações extremas, como elucida

Bolognesi (2003), foram sendo trocadas por performances corporais que não mais buscavam um vencedor e/ou derrotado, assim como nos jogos gregos e romanos, mas uma relação de construção artística e estética mais próxima do público que começou a ter uma relação mais alinhada com o picadeiro e dessas ações enquanto arte.

Na busca de compreender a constituição estética do circo, nos deparamos com características particulares do universo dos circos tradicionais e contemporâneos é necessário nessa pesquisa compreender como popular, os pequenos circos que rodam pelas mais diversas cidades de nosso Brasil, que carregam consigo uma série de características particulares, tais como: relação familiar, em que grande parte dos grupos de artistas são formados por família ou famílias circenses, um aprendizado das técnicas circenses ligadas à oralidade e aos ensinamentos “repassados” entre gerações como aprendizagem da cultura, uma maior facilidade de deslocamento, a rotatividade de funções assumidas pelos artistas durante a apresentação dos espéculos, o fato de ser um espetáculo de variedades, que une desde técnicas circenses tradicionais a números “folclóricos” encontrados em determinadas comunidades onde são montadas as lonas; além de uma ampliação do espaço do palhaço nas apresentações, tendo este personagem destaque na definição das atrações apresentadas ao público.

Na constituição da forma espetacular circense tradicional principalmente em território brasileiro, observamos e destacamos a ampliação da figura cômica do palhaço, observando que grande parte desses pequenos circos carregam como nome da casa de espetáculo o nome de seu palhaço principal. Características como o tempo ampliado e destinado as apresentações dos palhaços durante o espetáculo dos circos tradicionais, geram o destaque dessa ação artística mediante as demais apresentadas, fazendo com que o público una a imagem dessa figura cômica diretamente ao circo, é muito comum ao questionar alguém sobre, qual circo está montado na cidade? Alguém responder, por exemplo, aquele do palhaço Fuxiquinho, ligando diretamente o palhaço ao circo de forma ampliada, tendo como exemplo: Circo do Palhaço Babalu, Circo do Palhaço Fuxiquinho, Circo do Palhaço Facilita e etc.

Ao citar ao circo contemporâneo, tendo como referência maior o Circo de Soleil, que tem sua fundação em *Baie-Saint-Paul* no Canadá durante o início dos anos de 1980 com um grupo artistas que circulavam pelas ruas, tendo como atrações pernas-de-pau fazendo malabarismos, dançando, engolindo fogo e tocando. Eram os *Les Échassiers de Baie-Saint-Paul* (os Equilibristas de pernas-de-pau de *Baie-Saint-Paul*), um grupo teatral fundado por *Gilles Ste-Croix*. Grupo este que se tornaria o renomado *Cirque du Soleil*, considerado hoje como um dos maiores circos contemporâneos do mundo.

Para a melhor compreensão dos elementos, características e transformações ocorridas, para a constituição dos circos contemporâneos, fazemos os seguintes apontamentos: uma organização que se estrutura como empresas artísticas, onde a construção de conhecimentos não está alicerçada apenas na relação familiar, mas nas diversas formas de estudos das artes do circo existentes na atualidade, como escolas especializadas, oficinas circenses em associações e etc. Os artistas geralmente tem sua função bem definidas e únicas durante o espetáculo, se dedicando quase que exclusivamente ao aprimoramento de sua ação artística durante as apresentações, mantem-se o espetáculo de variedades, no entanto com grande utilização de aparatos tecnológicos e até momentos de apresentação onde o foco está na tecnologia como arte, além de espetáculos onde o palhaço é apenas mais uma das técnicas que compõe a poética do circo, não se sobrepondo as demais como acontece em nossos circos brasileiros tradicionais.

Quando aprendemos bem, gargalhamos!

Ao iniciar minha carreira como docente no sistema regular de ensino e me apresentar para as turmas da escola, dizia que, antes de ser professor e formado em Teatro eu era palhaço há 12 anos, essa informação gerou um burburinho na escola, com questionamentos tais como: “um professor palhaço”? Naquela época, após a apresentação para turma, iniciei um questionário diagnóstico em que uma das perguntas eram: ó que você gostaria de aprender em Artes? Vi que minha apresentação gerou uma curiosidade nos alunos em relação ao circo e ao palhaço.

> Na verdade, a curiosidade ingênua que, "desarmada", está associada ao saber do senso comum, é a mesma curiosidade que, criticizando-se, aproximando-se de forma cada vez mais metodicamente rigorosa do objeto cognoscível, se torna curiosidade epistemológica. Muda de qualidade, mas não de essência. (FREIRE, 1996, p.31)

A partir de uma curiosidade apresentada pelos alunos surge o projeto "Lugar de Circo é na Escola" que foi desenvolvido em 2013 na Escola Estadual Professora Maria de Lourdes Bezerra na turma de 9º ano do ensino fundamental durante dois bimestres. A referida escola localiza-se na cidade de Macau/RN no bairro de Porto de São Pedro, região periférica, distante dos atrativos juvenis e dos próprios serviços básicos, em que a maioria da população é de baixa renda e mínima escolaridade. O alunado é formado por filhos de pescadores, com uma renda mínima de um salário mínimo, além de um bairro com alto índice de criminalidade, aumentando a responsabilidade da escola em educar, instruir, dialogar, construir novos caminhos e mudar o preconceito existente com o bairro, por parte dos moradores da cidade.

Iniciamos o ano tendo como conteúdo as artes circenses com foco na palhaçaria, ali se estabelecia um aprendizado em uma via de mão dupla, no qual os alunos e eu aprendíamos e construíamos novos conhecimentos sobre o circo e suas possibilidades metodológicas e pedagógicas, além de primar por desenvolver um projeto que abarcasse, em seu percurso, momentos de contextualização, apreciação e prática. Esse percurso é apontado como potencial pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), para a construção do conhecimento em Arte, partindo das referências da pesquisadora Ana Mae Barbosa. Essa proposta é para mim, enquanto docente, um dos percursos que compreendo como de grande relevância para a construção de conhecimentos de forma ampliada e "completa" na área de Arte/Teatro.

O fato de um palhaço/professor/pesquisador ministrando como conteúdo o assunto ao qual dedica sua vida artística e pesquisa acadêmica, pode ser entendido por alguns como uma possível "imposição" de gosto particular do docente, no entanto no caso em questão, como já relatado anteriormente fui surpreendido pela curiosidade dos alunos com o conteúdo, pelo fato de seu novo professor ser um palhaço. Seria ingênuo, e até falso dizer que a junção da curiosidade dos alunos como minha paixão não era algo que me excitava.

Ensinar circo e palhaço na escola regular era uma experiência nova para mim e instigante enquanto professor. Me perguntava: será possível ensinar circo e palhaço na escola regular? Ali estava meu grande questionamento, a que me debruçava com grande curiosidade.

O projeto artístico/pedagógico Lugar de Circo é na Escola, tinha como um dos propósitos expor aos alunos dois universos de circos distintos, um bem conhecido dos mesmos, o circo tradicionais, grande atrativo da cidade e do bairro quando montados na localidade e o circo contemporâneo através dos estudos do Circo de Soleil gerando a possibilidade do aluno, como comentado no Parâmetro Curricular Nacional de Arte "[...] conhecer e distinguir diferentes momentos da História do Teatro, os aspectos estéticos predominantes, a tradição dos estilos e a presença dessa tradição na produção teatral contemporânea" (BRASIL,1998, p.90) distinguindo diferenças e semelhanças entre os circos tradicionais e contemporâneo, e as características particulares de cada um.

A busca não era exclusivamente na formação de artistas, mas de cidadãos capazes de vivenciar a ação teatral, seja na prática do palco, ou na prática de espectador de forma analítica e reflexiva, compreendendo o espectador como parte integrante e consciente de sua função essencial para o desenvolvimento de um espetáculo. Portanto, como bem discorre Desgranges (2003, p. 30) uma pedagogia do espectador "[...]calcada fundamentalmente em procedimentos adotados para criar o gosto pelo debate estético, para estimular no espectador o desejo de lançar um olhar particular [...].

Para o desenvolvimento do projeto na escola, tivemos como referenciais os autores, Henri Bergson (1983), Bolognesi (2003), Burnier (2001), Wallon (2009), Pantano (2007) e Pavis (1997). Além de DVDs e vídeos de circos populares, e do Circo de Soleil como o espetáculo "A Mágica Continua".

Entre os conteúdos programáticos ministrados naquele período, foi possível explanar sobre a História do circo, o circo no Brasil, o circo contemporâneo, as técnicas enquanto poética circense, o palhaço e seu processo criativo, o circo como patrimônio cultural imaterial.

O projeto "Lugar de Circo é na Escola" enquanto processo sistematizado, ampliava os conhecimentos artísticos culturais dos estudos sobre as duas formas distintas de circo, o formas tradicionais (reconhecida pelos alunos) já

fazendo parte dos conhecimentos prévios dos participantes, e da ampliação do repertório na aproximação com circo contemporâneo; buscando através de paralelos entre as duas formas circenses que os alunos não apenas diferenciassem essas formas, mas aprendessem a respeitá-la e compreendê-la como patrimônio cultural imaterial da humanidade, refletir sobre as principais características dos circos, dependendo da região e do tempo histórico em que estão colocados.

Enquanto proposta metodológica, empregada pelo projeto, além da proposta triangular, utilizamos como princípio para a construção de conhecimento o híbrido das artes como potencializador metodológico do processo educativo em questão. Utilizamos para o desenvolvimento do projeto elementos de várias linguagens artísticas, Cinema, Música, Artes Visuais e teatro. Como através de exercícios corporais, análises de imagens, ver e refletir sobre as películas cinematográficas e documentárias ligadas ao assunto estudado entre outros.

Iniciamos nosso percurso pedagógico a partir da contextualização histórica do circo, que tinha como principais referências docente os estudos dos livros “Palhaço” de Mário Fernando Bolognesi (2003) e Andreia Aparecida Pantano (2007) na obra “A Personagem Palhaço”. e para os discentes uma apostila construída e distribuída para os alunos, a partir de dados coletados de livros didáticos como o livro de Arte, volume 7: ensino fundamental, livro 2/ de autoria de Cláudia Carvalho Torres, Marília da Silva Fernandes, Dulce Couto (2012) da coleção Pitágoras da Editora Educacional, que aborda em seus conteúdos programáticos o assunto circo, buscávamos compreender ainda um pouco dessa história do circo e de suas características principais, como nomadismo, relação familiar, dentre outras. As aulas foram momentos de exposições dialogadas vinculadas a contextualização, utilizando como procedimento metodológico as discussões do material didático produzido pelo docente para os participantes, além da apreciação e análises de filmes e vídeos como “O Palhaço[2]” de Selton Mello, elencando através da película cinematográfica as principais características dos circos populares brasileiros.

[2] O filme “O palhaço” dirigido pelo ator e diretor Selton Melo, lançado em 2011, conta a história **de** Benjamin um jovem palhaço em meio a seus questionamentos particulares, quem ele

Na segunda etapa do projeto, a busca era ampliar o repertório artístico dos alunos, por meio da apreciação de espetáculos através de vídeos de diversos circos, seguidos de discussões, mesclando vídeos de circos populares e circos contemporâneos, refletindo sobre as, diferenças e semelhanças existentes entre os mesmos naquilo que diz respeito às técnicas, e elementos poéticos existentes entre estas duas formas distintas, porém complementares, de se fazer e compreender as artes circenses nos dias atuais.

Após apresentadas algumas conceituações e elementos da linguagem poética circenses, no que concerne à teoria, bem como uma contextualização histórica da figura palhaço passamos para um terceiro momento do projeto e partimos para as práticas vivenciais das técnicas de circo, utilizando as técnicas de corda-bamba, jogo de malabares e a palhaçaria. Nessa etapa, teve início os exercícios com jogos teatrais ampliando a atenção, o reflexo, a concentração e a preparação corporal para as técnicas circenses estudadas.

As vivências práticas se apresentaram como momentos de muita excitação para os alunos participantes da oficina, pois o encantamento causado pela possibilidade de viver na prática o que foi visto na teoria possibilitou para aqueles discentes, uma aproximação com as técnicas circenses citadas, fazendo os alunos tecer relações com o que era apreciado no (s) circo (s) que passavam por aquela cidade com os seus corpos em movimento com a corda-bamba, os jogos de malabares e a palhaçaria.

As duas técnicas citadas são comuns quer nos circos populares e tradicionais, quer nos circos com uma produção mais sofisticada. Entendemos a técnica como um conhecimento prático e elemento poético do circo, através do manuseio de determinados recursos, a um fazer; visa ao aprendizado do desenhar e delinear das ações da pessoa que a executa, no tempo e no espaço. Compreendemos que a palavra técnica está ligada principalmente à capacidade operativa do artista. É ela quem operacionaliza sua relação com a energia criadora, e é, através do aprendizado pela técnica, que artistas circenses desenvolvem seu trabalho e sua poética.

A técnica nas atitudes corporais dos artistas circenses é modo de se fazer, presente na relação entre eles e o público, não deve ser apenas físico-mecânica,

---

realmente é? Qual sua função no mundo? Filme que em meio a suas questões existenciais humanas, apresenta a vida de uma trupe de circo popular em meio a todas suas façanhas diárias.

mas humana, permitindo, como comentou Burnier (2001, p. 25) sobre técnica cotidiana e extra cotidiana "[...] estabelecer um elo comunicativo entre o humano em sua pessoa e o que seu corpo faz e, ao articular esse processo, projetá-lo, comunicando-o para seus espectadores".

Tais experiências desenvolvidas em sala de aula, foram posteriormente apresentadas em um evento realizado na escola denominado de "O Circo na Escola", que contou com apresentação de espetáculos teatrais de grupos convidados, mostra de vídeo, bate-papo com artistas circenses e oficinas práticas e a participação da comunidade escolar como um todo. Ao final de todas as ações do evento, tínhamos um espaço reservado para discussão, em favor do conhecimento que estava sendo construído a partir do evento, que não se apresentava como um evento pontual, mas como um procedimento pedagógico.

A comunidade extraescolar, assim como os alunos, os professores e os funcionários puderam participar da amostra de vídeos de circos tradicionais e contemporâneos, bem como apreciar a apresentação dos palhaços Lombriga e Bole-Bole com o espetáculo de palhaços "Quem Aposta Come Brocha" da Cia. Arte e Riso de Umarizal/RN; além de participar do bate-papo com os artistas circenses Victor Miranda, Emanuel Coringa e Junio Santos e das oficinas ofertadas no evento.

Durante todo o evento a participação de toda comunidade era bem-vinda, a escola se mantinha de portas abertas para que as pessoas pudessem circular naquele ambiente organizado e preparado para tal ação e pudesse desfrutar de qualquer momento que fosse de seu interesse.

Após a abertura do referido evento, foi iniciada a mostra de vídeos sobre o circo. Nessa apreciação das estéticas e da poética dos circos tradicionais e contemporâneos foram apresentados os vídeos[3] do Circo do Fuxiquinho, do Circo do palhaço Facilita e do Circo de *Soleil*. Após a exibição dos vídeos era feita uma conversa com a plateia sobre os vídeos assistidos.

[3] No estado do Rio Grande do Norte se tornou uma prática muito natural a gravação dos espetáculos de circos tradicionais/populares, como os já citados, e sua comercialização é feita durante os espetáculos. Os exemplares dos vídeos do Circo de Soleil também existem a venda pela internet e em locais especializados.

Ainda na apreciação estética houve, a apresentação dos palhaços Lombriga e Bole-bole interpretados, respectivamente por Emanuel Coringa e Victor Miranda.

Pautados na Abordagem Triangular de Barbosa (1991) a proposta do evento, assim como do Projeto Lugar de Circo é na Escola, assentou-se no apreciar, contextualizar e no fazer, ou, como sugerem os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino de Arte (BRASIL, 1998) entre a produção do aluno, a fruição das obras e a reflexão.

No âmbito desta pesquisa, se faz necessário distinguir a leitura da obra de arte como uma forma não só de fruição ou de prazer estético, mas também de conhecimento prático. O aluno é um ser reflexivo e crítico quanto às representações e aos significados exibidos tanto nos vídeos, quanto na cena teatral; já a contextualização diz respeito a estabelecer uma porta aberta à interdisciplinaridade no processo ensino-aprendizagem. Coadunamos com o pensamento de Barbosa (1991) quando diz que o fazer artístico é insubstituível para a aprendizagem da Arte e a ele está relacionado ao desenvolvimento do pensamento e da linguagem presentacional[4], diferentemente da compreensão linear e discursiva predominante na escola. O fazer artístico oferece a possibilidade de interferir no pensamento racionalista da escola presidido pela lógica e pelo discurso verbal.

O fazer artístico, como um dos componentes, utilizado de modo isolado, não contribui para a capacidade criadora. A prática sozinha tem se mostrado impotente para formar o apreciador e fruidor da arte (BARBOSA, 1991, p. 41).

No ensino da Arte, o produto final também tem importância, não apenas o processo, pois, a experimentação, o fazer artístico é como um modus operandi imprescindível ao conhecimento da Arte. A técnica, no sentido rico da palavra, é instrumento de compreensão e do entendimento das múltiplas significações de uma obra de arte. A experimentação, caracterizada pela exploração de materiais, instrumentos e possibilidades expressivas, procedimentos técnicos, deve estar associada à reflexão crítica e a estética e a História da Arte.

[4] Ao se referir ao confronto entre o pensamento presentacional da arte versus o pensamento racionalista da escola, Ana Mae utiliza-se das categorias apontadas por Suzanne K. Langer, segundo a qual, para compreensão do mundo, há dois sistemas de conhecimento, o sistema discursivo e o presentacional.

Referendados na Abordagem Triangular de Barbosa (1991), a contextualização do circo e da arte da palhaçaria foi feita no evento, O circo na Escola, pelo bate papo entre alunos e os artistas Victor Miranda Palhaço (Bole-bole) e Junio Santos (Palhaço Cuscuz), convidados para o evento que falaram de suas experiências com a arte circense; já o fazer, a experimentação foi possibilitada pelas oficinas de corda bamba, palhaçaria e malabares.

Os assuntos e conteúdos sistematizados para o estudo do circo e da palhaçaria para jovens estudantes estiveram presentes em todos os momentos do evento “O Circo na Escola” como foi descrito anteriormente, porém para mim enquanto docente também ficava daquele evento grandes ensinamentos que eu carregaria para minha vida de professor: ter a certeza da necessidade de diálogo constante com a comunidade, como princípio norteador para o crescimento de uma escola, utilizar de seus eventos organizados coletivamente como forma de gerar uma aproximação das pessoas com a escola, e, principalmente, ter a certeza da necessidade de ensinar a nossos jovens a serem protagonistas de ações em sociedade começando pela escola, protagonizando um espaço onde os próprios aprendem, não apenas com oralidade e palavras escritas em um papel, mas com seus erros e acerto ao assumir o comando de algo como um evento onde participavam e organizavam a programação.

Para consolidar o Projeto Lugar de Circo é na Escola que teve como um de seus momentos ápices com o evento “O Circo na Escola” tivemos as apresentações dos espetáculos e cenas cômicas montadas pelos alunos durante as aulas práticas de palhaçaria, de malabares e de corda bamba em outras escolas e nas ruas do bairro.

Levando as produções do alunos no projeto para outros espaços externos a nossa escola, foi possível uma aproximação da obra de arte desenvolvida na escola de forma direta com o espaço a cidade e a rua enquanto espaço social e de socialização, proporcionando o retorno dos estudos dos jovens a seu lugar de origem, a comunidade que agora era espectadora e analisadora de ações artísticas escolares, comunitárias e contínuas, pois após as primeiras apresentações na Escola Maria de Lourdes Bezerra e nas ruas do bairro onde a escola é localizada, os alunos foram convidados para outras apresentações em escolas, associações, eventos festivos e etc. O projeto e os

conhecimentos construídos junto aos alunos se multiplicaram e se mantiveram vivos a partir do grupo de teatro “Mascaras de Sal” (grupo formado pelos alunos participantes do projeto) existente até hoje 13/11/2017, multiplicando os conhecimentos adquiridos na escola para toda a cidade, gerando uma relação de reconhecimento da comunidade com os jovens palhaços que agora protagonizavam risadas nos mais diversos espaços de convivências da cidade.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte**: anos oitenta e novos tempos. São Paulo: Perspectiva, 1991.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo:** Lisboa/Portugal: Edições 70 Lda, 1977

BERGSON, Henri. **O riso: Ensaio sobre a significação da comicidade.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BOLOGNESI, Mário. F. **Palhaços**. São Paulo: Ed. Unesp, 2003.

BURNIER, Luís Otávio. **A arte de ator**: da técnica à representação. Campinas: Unicamp, 2001.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Arte. Brasília: MEC: Secretaria de Educação Fundamental, 1998.

CASTRO, Alice Vieira de. **O Elogio da Bobagem**: palhaços no Brasil e no Mundo. Rio de Janeiro: Editora Família Bastos, 2005.

DESGRANGES, Flavio. **A pedagogia do Espectador***.* São Paulo, Hucitec, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia***.* São Paulo, Paz e Terra, 1996.

MORESI, Eduardo (Organizador). **Metodologia da Pesquisa.** Universidade Católica de Brasília-UCB. Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Gestão do conhecimento e Tecnologia da Informação, 2003.

PANTANO, Andreia Aparecida. **A Personagem Palhaço**. São Paulo: Unesp, 2007.

PAVIS, Patrice. **Dicionário de Teatro***.* São Paulo, Perspectiva, 1997.

WALLON, Emmanuel. (Org.) **O circo no risco da arte**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.